



MARCELO DEL CIMA, DIVULGAÇÃO

O ilustrador das musas

Natural de Rio Pardo, mas morando no Rio de Janeiro há mais de quatro décadas, o gaúcho José Luiz Benício, ou simplesmente Benício, 75 anos (ao lado), é um dos mais importantes ilustradores brasileiros. Influenciado pelos traços de Norman Rockwell, ficou famoso por cartazes ícones da cinematografia nacional, entre eles *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976), *A Super Fêmea* (com uma curvilínea Vera Fischer no esplendor dos 21 anos, em 1973) e diversas comédias protagonizadas pelos Trapalhões.

Munido apenas de tinta guache, Benício também ilustrou as capas de uma série *pulp* chamada ZZ7 – As Aventuras de Brigitte Montfort, escritas pelo autor espanhol Lou Carrigan. As histórias da espia número um da CIA faziam grande sucesso nas bancas de jornal brasileiras dos anos 1970, alcançando altíssimas vendas em seus cerca de 400 números.

Lindas e extremamente sensuais, suas musas atingiram o auge naqueles tempos bicudos da ditadura, o que não chegou a interferir no processo de criação. Volúpia com um certo ar de mistério era a receita para não chamar a atenção dos militares e, ao mesmo tempo, seduzir os leitores. Contabilizando, são mais de 2 mil capas de *pocket books*, 300 cartazes de cinema, ilustrações para matérias de revistas como *Veja*, *IstoÉ* e *Playboy*, além de dezenas de campanhas publicitárias.

Toda essa trajetória, porém, começou a receber o merecido reconhecimento há pouco tempo. Em 2007, o documentário *O Encontro de Benício com Brigitte Montfort*, de Jetter Castro, começou a ser produzido, mas não evoluiu.

– O filme está parado, creio que por falta verba – avalia o criador.

Melhor sorte teve o álbum de luxo *Sex Crime – The Book Cover Art of Benício*, coletânea de 64 ilustrações que teve um badalado lançamento nacional em março, pela Editora Reference Press. Confira a seguir a entrevista concedida por e-mail ao Almanaque:

Mulheres sensuais nas capas eram uma exigência das editoras?

Faz parte do princípio da elaboração de uma capa de *pocket book* ter sempre um elemento principal que chame a atenção dos leitores. No caso, mulher bonita é fundamental. A minha inspiração sempre veio de qualquer imagem de uma linda mulher. Geralmente fotos de revistas. Eu recebia sempre uma sinopse da história, em que me baseava para as capas.

Em tempos de ditadura, você chegou a sofrer algum tipo de censura?

Benício: Na elaboração das capas, sempre tive cuidado de não transgredir as regras da censura (*não mostrar mamilos femininos, genitálias, etc.*). Por isso nunca tive problemas nesse sentido.

Você lia as histórias que ilustrava?

Benício: Se eu fosse ler todos os livros que illustrei, não teria tido tempo para desenhar as milhares de capas que produzi nesses anos todos.

Visual gráfico ajuda a vender literatura?

Benício: A capa é o principal elemento para conquistar o leitor de *pulp fiction*, daí sua importância.



Recentemente, a arte de um disco do cantor alemão Morlockk Dilemma reproduziu integralmente a capa do álbum *Amar pra Viver ou Morrer de Amor* (1982, na foto acima), de Erasmo Carlos, desenhada por você. Sua obra costuma sofrer muitos plágios?

Benício: Foi a primeira vez que enfrentei um problema desse tipo. O advogado conseguiu uma solução amigável, e o caso foi resolvido com a retirada da capa do mercado.

Brigitte Montfort e Giselle são ícones de uma geração. Qual seria a realidade delas em tempos de internet, novas mídias, photoshop e culto à magreza?

Benício: Com o avanço da televisão no cotidiano das pessoas, tenho minhas dúvidas quanto ao sucesso desse tipo de literatura hoje em dia. A sensualidade não está no photoshop e sim na maneira como é usado. As curvas das mulheres continuam as mesmas, os homens atuais é que parecem não gostar mais tanto delas.

